

## DIMENSÕES EPISTEMOLÓGICAS DA PESQUISA EM EMPREENDEDORISMO

**Autoria:** Fernanda Maria Felício Macedo, Diego Luiz Teixeira Boava

### RESUMO

Na sociedade contemporânea, a investigação acerca do empreendedorismo adquire grande relevância, uma vez que esse é um fenômeno capaz de provocar profundas transformações sociais, políticas, culturais, econômicas e psicológicas. Dessa forma, observa-se que a natureza dinâmica do empreendedorismo lhe confere condição de objeto de pesquisa das ciências sociais. Nesse âmbito, emerge a necessidade de analisar a pesquisa em empreendedorismo considerando a problemática teórico metodológica intrínseca às investigações sociais. Tais problemáticas remetem à discussão de se realizar ou não pesquisas sociais de acordo com métodos empregados na investigação em ciências naturais. Para isso, o presente artigo irá analisar os principais estudos já produzidos acerca do fenômeno empreendedor. Portanto, esse trabalho consiste em um ensaio teórico sobre a pesquisa em empreendedorismo, discutindo questões que revelam como a base epistemológica desse fenômeno vem sendo construída.

### 1. INTRODUÇÃO

O empreendedorismo constitui um objeto de pesquisa das ciências sociais, posto que se desenvolve no cerne da sociedade. O agente empreendedor encontra-se situado no **mundo da vida** em constante relacionamento com o outro, sendo que suas ações não são fatos isolados, mas fatos inseridos em uma dinâmica de relacionamento e compreensão social. Segundo Dilthey (1958, p. 191):

...nós fazemos a reconstituição de nossa própria experiência interna na outra pessoa ao interpretá-la. A compreensão é então um redescobrimto do eu no tu. Esta compreensão dos outros é, então, o paradigma, por assim dizer, do conhecimento que caracteriza as ciências sociais.

Nesse sentido, a pesquisa em empreendedorismo é estruturada a partir de metodologias pertencentes, predominantemente, às ciências sociais. Assim, várias problemáticas metodológicas intrínsecas à pesquisa social podem ser observadas na busca de uma compreensão maior acerca do empreendedorismo.

Tais problemáticas remetem à discussão de se realizar ou não pesquisas sociais de acordo com métodos empregados na investigação em ciências naturais. Alguns pesquisadores defendem que se deve utilizar em pesquisas sociais metodologias que objetivam descobrir leis que orientam o comportamento social, enquanto outros afirmam ser necessário investigar a sociedade a partir de metodologias que reconhecem o homem como um ser doador de sentido ao mundo, que não segue leis rígidas, como ocorre com minerais, plantas e reações químicas.

Nos dizeres do economista Von Mises (1986, p. 97-98), a distinção entre ciências sociais e naturais reside no caráter dinâmico da primeira:

No mundo dos fenômenos físicos e químicos existem relações constantes entre os diversos componentes, sendo o homem capaz de perceber, com bastante precisão, leis constantes mediante aos oportunos experimentos de laboratório. Mas, no campo da ação humana, não se registram tais constantes reações. A impossibilidade nesse terreno, de toda medição não há de ser atribuída a uma suposta imperfeição dos métodos de investigação. Provém da mudança, da ausência de relações constantes na matéria analisada.

Nesse contexto, visa-se analisar a pesquisa em empreendedorismo considerando a problemática teórico metodológica intrínseca às investigações sociais. Para isso, o trabalho se estrutura em quatro partes, além da introdução e conclusão. Inicialmente, apresenta-se as orientações paradigmáticas da pesquisa em ciências sociais. Na sequência, tem-se a dinâmica da pesquisa social, ou seja, questões mais instrumentais.

Esses dois tópicos visam contextualizar e fundamentar a discussão acerca da pesquisa em empreendedorismo. Feita essa fundamentação, relata-se uma revisão da pesquisa acerca do fenômeno empreendedor. A partir dessa revisão, o tópico seguinte discorre sobre o tema central do estudo, sendo esse a investigação sobre as dimensões epistemológicas da pesquisa em empreendedorismo.

Portanto, esse trabalho consiste em um ensaio teórico sobre a pesquisa em empreendedorismo, discutindo questões que revelam como a epistemologia desse fenômeno vem sendo construída.

## 2. A PESQUISA NAS CIÊNCIAS SOCIAIS

Burrell e Morgan (1979) têm um livro clássico sobre epistemologia e metodologia nos estudos organizacionais e defendem a idéia de que todas as teorias se baseiam em uma **filosofia da ciência** e em uma **teoria da sociedade**.

Segundo esses autores, o conceito de ciências sociais deve ser definido segundo quatro conjuntos dimensionais, cada qual tendo extremos que representam conceitos filosóficos opostos, segundo o quadro abaixo: **Ontologia** (nominalismo, realismo), refere-se à essência do fenômeno do ser; **Epistemologia** (antipositivismo, positivismo), concernente às bases do conhecimento; **Natureza humana** (voluntarismo, determinismo), refere-se à relação entre o homem e o ambiente; **Metodologia** (ideográfica, nomotética), surge das implicações das dimensões anteriores (BURRELL e MORGAN, 1979).

Ciência Social Subjetiva		Ciência Social Objetiva
Nominalismo	<b>ontologia</b>	Realismo
Antipositivismo	<b>epistemologia</b>	Positivismo
Voluntarismo	<b>natureza humana</b>	Determinismo
Ideográfica	<b>metodologia</b>	Nomotética

**Quadro 1: A dimensão subjetivo-objetivo nas ciências sociais**

Fonte: Burrell e Morgan (1979, p.3)

O **realismo** considera que o mundo social existe “ali fora”, à margem da apreciação individual e é tão concreto como o mundo físico. O **nominalismo**, ao contrário, considera que o mundo social externo à cognição individual está composto por nomes, conceitos e etiquetas que servem como ferramentas para descrever, interpretar e gerir o mundo externo.

O **positivismo** intenta explicar e prever os acontecimentos sociais mediante a investigação das regularidades e a determinação das relações causais. O crescimento do conhecimento se dá como um processo essencialmente acumulativo, em que se inclui nova informação ao conjunto de conhecimentos já existentes, e em que se eliminam as hipóteses falsas. O **antipositivismo**, pelo contrário, considera que o mundo social é essencialmente relativista, compreensível somente através do ponto de vista dos indivíduos diretamente implicados nas atividades que são investigadas.

O **determinismo** considera que os seres humanos respondem de uma maneira mecânica ou inclusive determinista ante as situações com as quais se encontram em seu mundo externo. O **voluntarismo** representa os seres humanos com um papel mais criativo. Assume-se o livre arbítrio, a autonomia, e considera que os seres humanos são capazes de criar seus próprios ambientes e de controlá-los, em vez de ser controlados por eles.

Adotam-se **metodologias nomotéticas** por parte daqueles cientistas sociais que tratam o mundo social como se fosse uma realidade objetiva e externa. Buscam-se leis universais que expliquem e governem a realidade social, concreta e objetiva, cuja existência se supõe.

As **metodologias ideográficas** são adotadas por aqueles que assumem a importância da experiência subjetiva dos indivíduos no processo de construir os mundos sociais. Sua preocupação é compreender as formas com as quais os indivíduos constroem, modificam e interpretam o mundo social no qual se encontram.

A teoria de sociedade resgata o debate “ordem-conflito”, procurando explicar a natureza da ordem social e do equilíbrio, de um lado e, por outro, entender os problemas mais conexos com as questões de mudança, conflito e coerção nas estruturas sociais. “Ordem” e “conflito” passam a constituir duas **teorias de sociedade**, assim constituídas: a) teoria social que enfatiza a ordem e o integracionismo, através da valorização da estabilidade, da integração, da coordenação funcional, do consenso; b) teoria social que focaliza o conflito e a coerção, por meio da mudança, da desintegração e da coerção (BURRELL e MORGAN, 1979). Os autores chamam a atenção para o fato de que a realidade se posiciona em algum ponto entre os extremos opostos do *continuum* ordem-conflito.

Regulação	Mudança radical
<i>status quo</i>	mudança radical
ordem social	conflito estrutural
consenso	modos de dominação
integração social e coesão	contradição
solidariedade	emancipação
satisfação de necessidade	privação
realidade	potencialidade

**Quadro 2: Características da dimensão regulação-mudança radical**

Fonte: Burrell e Morgan (1979, p.18)

Burrell e Morgan (1979), como se observa no quadro anterior utilizaram os termos sociologia da regulação e sociologia da mudança radical para descrever posições extremas sobre a natureza da sociedade, ou dimensão ordem-conflito.

A sociologia da regulação, posição dominante no Ocidente reflete a posição dos teóricos preocupados em explicar a unidade e coesão subjacentes na sociedade. Já os teóricos da sociologia da mudança radical enxergam a sociedade moderna como que caracterizada pelos conflitos, os modos de dominação e a contradição. Preocupam-se com a emancipação das pessoas em relação às estruturas sociais e ideológicas existentes. A partir dessas discussões preliminares, os autores sugerem que as premissas sobre a natureza da ciência podem ser pensadas em termos de uma dimensão subjetiva *versus* objetiva e as premissas sobre a natureza da sociedade em termos de uma dimensão regulação *versus* mudança radical.

A proposta é de que as dimensões tomadas em conjunto permitem definir quatro paradigmas sociológicos distintos para análise de uma ampla variedade de teorias sociais, cada qual podendo compartilhar uma série de aspectos com seus vizinhos, nos eixos horizontal e vertical em uma de duas dimensões, mas diferenciando-se na outra dimensão. Esses paradigmas são demonstrados através da figura a seguir:



**Figura 1: Paradigmas sociológicos**

Fonte: adaptado de Burrell e Morgan (1979, p.22)

O **paradigma humanista radical** baseia-se no suposto que a realidade social é socialmente criada e sustentada, passível de equívoco e/ou limitação restritivos. Busca investigar as possibilidades e modos de os homens atingirem com eficácia radical a mudança no sentido de transcender as limitações sociais alienantes. Orienta-se pelo entendimento da sociedade segundo uma perspectiva de mudança radical, ou seja, segundo os modos de dominação, privação e emancipação. A abordagem deste paradigma é nominalista, anti-positivista, voluntarista e ideográfica, sendo que sua origem vem do idealismo alemão, destacando-se Kant e Hegel. Os autores Sartre, Stirner, Bookchin, Lucaks, Gramsci, Horkheimer, Adorno, Benjamin, Fromm, Kirschheimer, Lowenthal, Marcuse e Habermas são os mais proeminentes.

O **paradigma estruturalista radical** apóia-se na visão de sociedade como potencialmente dominada; contudo, supõe que ela tenha uma existência própria, independente dos significados individuais do cotidiano. Orienta-se pelo entendimento da natureza da sociedade segundo uma sociologia da mudança radical, porém, diferentemente do paradigma humanista radical, de um ponto de vista objetivo. Sua abordagem é realista, positivista, determinista e nomotética, e os autores principais são Marx, Engels, Plekhanov, Lênin, Bukharin, Althusser, Poulantzas, Rex, Dahrendorf.

O **paradigma funcionalista** baseia-se nos supostos de que a sociedade tem uma existência real e concreta e uma orientação sistêmica para produzir um estado de relação ordenado e regulado. Os supostos ontológicos garantem a possibilidade da objetividade na ciência social; o cientista mantém-se distante e neutro do cenário que analisa através de métodos e técnicas rigorosas. Também se apóia na possibilidade de generalização dos conhecimentos empíricos. Teorias incluídas nesse paradigma se interessam pelo estudo de *status quo*, ordem social, integração e solidariedade. São exemplos desse grupo a teoria de sistemas sociais, a teoria integrativa e a teoria da ação social. Ademais, sua abordagem é realista, positivista, determinista e nomotético. Já os autores principais são Comte, Spencer, Durkheim, Pareto, Malinowski, Brown, Parsons, Simmel, Mead, Blumer, Rex, Eldridge, Goldthorpe, Silverman, Blau, Merton, Coser, Gouldner, Buckley e Skinner.

O **paradigma interpretativo** baseia-se na visão de que a realidade social não tem existência concreta, mas é produto da experiência subjetiva e intersubjetiva. Para entendê-lo, é preciso captar a percepção dos participantes em ação, em vez do ponto de vista do observador. Assim como o paradigma funcionalista, preocupa-se com a ordem e a regulação no mundo social, contudo, de um ponto de vista subjetivo. Defende a ciência social como uma rede de jogos de linguagem, baseada em arranjos de subjetividade de determinados conceitos e regras que os participantes inventam e seguem. A abordagem deste paradigma é nominalista, anti-positivista, voluntarista e ideográfica e os autores são Dilthey, Husserl, Weber, Gadamer, Schütz, Scheller, Heidegger, Sartre, Merleau-Ponty, Garfinkel, Cicourel, Schegloff, Sacks, McHugh, Denzin, Zimmerman e Wieder.

A partir dessas considerações, é possível em tópico posterior posicionar as investigações sobre o empreendedorismo no tocante às suas orientações paradigmáticas. A seguir, apresenta-se a dinâmica da pesquisa social que trata de assuntos relacionados a prática da pesquisa, ou seja, campos de influência do pesquisador e possíveis métodos de estudo.

### 3. DINÂMICA DA PESQUISA SOCIAL

Bruyne, Herman e Schoutheete (1991, p. 31-36), investigando a dinâmica da pesquisa nas ciências sociais, observam que esta é complexa, sendo o ambiente societal fundamental nessa discussão, pois desde o início e ao longo de toda sua elaboração a investigação é influenciada por uma série de fatores, chamados de campos, que atuam no seu desenvolvimento.

**Campo da demanda social:** como membro de uma sociedade específica, o pesquisador tem sua atividade legitimada pelo sistema sócio-cultural desse meio. O conjunto de pesquisadores, as teorias e as experiências, os rituais e as normas, as instituições acadêmicas e científicas exercem controle sobre a pesquisa. Essa sociedade do discurso elabora a ética da pesquisa e a uniformização da linguagem.

**Campo axiológico:** implica os valores sociais e individuais que condicionam a pesquisa científica. Os valores culturais impõem ao pesquisador a escolha do problema.

**Campo doxológico:** o senso comum, o saber não sistematizado, as evidências da prática cotidiana. A prática científica retira desse campo suas problemáticas específicas, possibilitando o surgimento de conhecimentos mais elaborados.

**Campo epistêmico:** estado das teorias, da reflexão epistemológica, metodologia e técnicas de investigação. Há aqui o reconhecimento do grau de objetividade do conhecimento.

A metodologia é a lógica dos procedimentos científicos em sua gênese e em seu desenvolvimento, devendo ajudar a explicar não somente os resultados das investigações, como ainda o processo de identificação dos mesmos. Nesse sentido, esses campos de influência na pesquisa social, são articulados a partir de quatro pólos metodológicos que determinam à prática científica e concorrem para a cientificidade das práticas de pesquisa.

Para Bruyne, Herman e Schoutheete (1991) os pólos apresentam as seguintes assertivas:

**Pólo epistemológico:** garantia da objetivação (produção) do objeto científico. Decide as regras de produção e de explicação dos fatos, da compreensão e da validade das teorias. Faz uso de processos discursivos e métodos como a dialética, a fenomenologia, a lógica hipotética-dedutiva e a quantificação. Esses processos não se excluem mutuamente.

**Pólo teórico:** embasa a formulação de hipóteses e construção de conceitos. Propõe regras de interpretação dos fatos, de especificação e de definição das soluções dadas às problemáticas.

**Pólo morfológico:** enuncia as regras de estruturação e de formação do objeto científico, além de ordenar seus elementos constituintes.

**Pólo técnico:** controla a coleta de dados, sendo os principais modos de investigação o estudo de caso, estudos comparativos, experimentações e simulação. Esses modos de investigação indicam escolhas práticas pelas quais os pesquisadores optam.

A figura a seguir sintetiza essas colocações.



Figura 2 – Pólos metodológicos da Pesquisa Social

Fonte: Bruyne, Herman e Schoutheete (1991, p. 36)

A partir dessa figura, será possível evidenciar a pesquisa em empreendedorismo em cada pólo metodológico. No próximo tópico, apresenta-se uma revisão sobre o conhecimento científico já produzido sobre empreendedorismo.

#### 4. A PESQUISA EM EMPREENDEDORISMO

Segundo Dolabela (1999, p.47), existe duas correntes principais de estudo do empreendedorismo, os economistas, que associaram o empreendedor à inovação, e os comportamentalistas, que enfatizam aspectos atitudinais, como a criatividade e a intuição. A primeira vertente apresenta como eixo principal a teoria do desenvolvimento econômico desenvolvida por Schumpeter (1985), além dos trabalhos desenvolvidos por Cantilon (1755, 2003), Smith (1976, 1985), Mill (1848, 1986), Say (1803, 2002) e Marshall (1890, 1982), sendo que a última estrutura-se basicamente na teoria das motivações de McClelland (1961), na personalidade empreendedora de Miner (1998), nos trabalhos de Timmons (1989) e na teoria visionária de Fillion (1991). Contudo, há ainda alguns autores que abordam o empreendedorismo a partir de perspectivas distintas dos economistas e comportamentalistas, sendo esses: Paiva Jr (2006) e Boava (2006).

##### 4.1 Economistas

O conceito de empreendedorismo encontra-se presente, ainda que nem sempre de forma direta, no desenvolvimento do corpo teórico da ciência econômica (BROLLO, 2006). Dessa forma, este tópico irá discutir o empreendedorismo a partir da visão de autores pertencentes às diferentes escolas de pensamento que contribuíram para a construção do conhecimento econômico atual. Para isso, serão analisados precursores da teoria econômica (Cantilon) e os principais representantes de algumas escolas de pensamento econômico que mais produziram acerca do empreendedorismo, como: escola clássica (Smith, Mill e Say) e neoclássica (Marshall e Schumpeter) de economia.

- *Precursos da Teoria Econômica*

Richard Cantillon publicou, em 1755, a obra “Ensaio sobre a Natureza do Comércio em Geral” associando o empreendedor a oportunidades de lucro não exploradas e o risco intrínseco a sua exploração. Propõe ainda o desenvolvimento da sociedade em três classes funcionais, empreendedores, proprietários de terra e trabalhadores. Os empreendedores seriam responsáveis mudanças no sistema econômico, posto que assumiriam os riscos necessários.

- *Escola Clássica de Economia*

O pensamento clássico econômico corresponde ao desenvolvimento da ciência econômica e o aperfeiçoamento dos seus métodos de investigação. Para os economistas clássicos, a economia é o estudo do processo de produção, distribuição, circulação e consumo dos bens e serviços. A verdadeira fonte de valor encontra-se no trabalho, sendo que defendem há não intervenção do Estado na economia e a livre concorrência. Tal pensamento predominou até fins do século XIX.

Nesse ambiente liberal, Smith (1776/1985), considerado o formulador da teoria econômica, vislumbra o empreendedor como aquele que deseja obter um excedente de valor sobre o custo de produção. Assim, o empreendedor seria um proprietário capitalista. O economista Mill (1848/1986) afirma que o empreendedorismo é uma atividade que requer características peculiares por parte do ser que empreende.

Contudo, os trabalhos de Smith (1776/1985) e Mill (1848/1986) estavam mais centrados em explicar o crescimento econômico dando pouca ênfase ao empreendedorismo, sendo que dividiam a sociedade em capitalistas e trabalhadores. De fato, os economistas clássicos britânicos discutiram brevemente a temática empreendedora, não fazendo qualquer tipo de distinção entre atividades executadas por capitalistas, administradores e empreendedores.

Por sua vez, o economista clássico francês Say (1803/2002) realiza uma análise mais detalhada do empreendedor atribuindo-lhe um papel particular, na medida em que diferencia função empreendedora e a função capitalista. Além disso, defende o pressuposto que o desenvolvimento econômico é proveniente da criação de novos empreendimentos.

- *Escola Neoclássica de Economia*

O pensamento neoclássico surgiu em fins do século XIX. Na concepção dos autores neoclássicos, a economia constitui a ciência das trocas ou das escolhas, sendo condicionada pela escassez dos recursos. Introduziram na teoria da procura e da oferta o conceito de utilidade marginal, segundo o qual as preferências dos consumidores (utilidade) são um dos fatores da procura de bens. Os neoclássicos mantinham a crença no liberalismo econômico. Esse pensamento dominou o cenário econômico até o aparecimento da crise de 1929. A partir desse período, Keynes (1936/1992) afirmou que a economia não se auto-regula, propondo a intervenção do estado na economia.

Marshall (1890/1982), um dos principais representantes da escola neoclássica, faz algumas contribuições para o estudo do empreendedorismo. Esse caracteriza o empreendedor como sendo o indivíduo que se aventura e assume riscos, reunindo e supervisionando minuciosamente o capital e o trabalho necessários ao seu empreendimento. Postula ainda que o empreendedorismo está relacionado com algumas habilidades que poucas pessoas apresentam, pois tais capacidades são escassas. Contudo, pondera que essas habilidades podem ser ensinadas.

Ressalta-se que Marshall (1890/1982) em uma postura determinista afirma que as oportunidades e ações empreendedoras são limitadas pelo ambiente econômico no qual encontram-se inseridas. Sendo assim, Marshall (1890/1982) complementa que embora os empreendedores possuam habilidades em comum, se diferenciam no que tange ao sucesso de seu empreendimento, já que esse depende do meio econômico. Assim, para esse economista, o empreendedor é basicamente um quarto fator de produção, que coordena os demais: capital, trabalho e matéria-prima.

Contudo, as principais bases econômicas do empreendedorismo foram edificadas por Schumpeter (1985), que em sua teoria do desenvolvimento econômico baseia-se na premissa que sistema econômico de oferta e procura encontra-se em situação de equilíbrio e que o empreendedor tende a romper esse equilíbrio através da inovação

A teoria do desenvolvimento econômico vislumbra o empreendedor como o ser que promove a inovação, sendo essa radical, pois destrói e substitui esquemas de produção vigentes. Nesse sentido, surge o conceito de destruição criativa (SCHUMPETER, 1985).

Portanto, Schumpeter (1985) define o empreendedor como aquele que promove uma mudança radical destruindo as tecnologias já existentes, é aquele que propõe novidades. Nesse sentido, o empreendedor só existe no momento da inovação, não podendo constituir uma profissão, ao passo que a necessidade de inovar é ditada pelo ambiente externo.

Mais recentemente, o economista Kirzner (1973) desenvolveu uma teoria acerca do empreendedorismo, na qual a economia era desbalanceada e o empreendedor era a pessoa que identificava estes desequilíbrios e os explorava tendendo a trazer o processo para o equilíbrio. Para esse autor, os empreendedores eram capazes ainda de estimular a demanda de mercado através da persuasão, podendo criar assim um desequilíbrio adicional ao mercado. Nesse sentido, o empreendedor não é somente aquele que vê e explora oportunidades, mas também aquele que cria outras oportunidades e as explora.

Logo, constata-se que Schumpeter (1985) e Kirzner (1973) atribuem papéis diferentes ao empreendedor, sendo que para o primeiro a ação empreendedora leva ao desequilíbrio devido à inovação; já para o segundo, essa mesma ação é que garante o equilíbrio econômico.

Assim, observa-se que parte do conhecimento atual acerca do empreendedorismo foi sendo construído, ainda que de maneira implícita, no cerne do desenvolvimento do pensamento econômico. Contudo, faz-se importante analisar as demais dimensões desse fenômeno, relacionadas ao agente empreendedor.

## 4.2 Comportamentalistas

Os comportamentalistas pressupõem que o sistema de valores constitui o eixo principal do desenvolvimento social e econômico, considerando o empreendedor o ator principal desse processo. Assim, estudam os traços pessoais e atitudes do empreendedor na tentativa de encontrar a motivação que impulsiona o empreendedorismo.

Dessa forma, David McClelland (1961) aborda o empreendedor a partir de uma perspectiva comportamental evidenciando suas características psicológicas. O estudo dessas características permite ao autor traçar um perfil do empreendedor. Tal perfil caracteriza o empreendedor como autônomo e dotado de iniciativa. Esse apresenta intuição e amor pelo seu trabalho, estando continuamente em busca de realização profissional e pessoal. Além disso, é um indivíduo que, por relacionar-se sempre com novidades, evolui através de um processo interativo de tentativa e erro, avançando em decorrência das descobertas que realiza. Para McClelland (1961), a motivação constitui o principal combustível do motor empreendedor, sendo essa fundamentada em três necessidades básicas do ser humano, necessidade de realização, afiliação e poder.

As pesquisas de McClelland (1961) foram, nesse sentido, uma tentativa de identificar as motivações do empreendedor, sendo que uma correlação positiva entre a necessidade de realização e atividade empreendedora foi constatada. McClelland (1961) defende que uma sociedade que tenha um nível geralmente elevado de realização, produzirá um maior número de empresários ativos, os quais, darão origem a um desenvolvimento econômico mais rápido.

Assim, para esse autor, os empreendedores apresentam, em média, uma necessidade de realização superior a dos demais indivíduos, pois essa necessidade envolve a orientação do mesmo para metas. Destaca-se que essas metas são passíveis de ser alcançadas. O empreendedor não dedica seu tempo buscando transformar utopias em realidade.

Após a análise do trabalho de McClelland (1961), faz-se importante citar os estudos do comportamentalista Miner (1998) que aborda a personalidade empreendedora e de Timmons (1989) que centraliza seus estudos no comportamento pró-ativo do empreendedor. A partir disso, apresenta três aspectos que acredita ser a principal razão para o sucesso do mesmo: responder positivamente a desafios, aprendendo com erros, apresentar iniciativa e ter determinação e perseverança.

Já a teoria visionária de Filion (1991), ainda que também atribua ênfase ao estudo das características empreendedoras, apresenta um conceito novo acerca da temática. Versa que o empreendedor é um ser dotado de visão, sendo essa parte do surgimento de uma ou várias idéias que se pretende realizar no futuro.

Portanto, na abordagem comportamental o empreendedorismo apresenta uma concepção de empreendedor baseada na busca de realização pessoal do ser humano. Os empreendimentos constituem uma extensão do desejo, metas e visão do empreendedor. No mais, centra-se em descrever comportamentos e características do empreendedor.

Assim, os economistas tendem a concordar que os empreendedores estão associados à inovação e são vistos como forças direcionadoras ao desenvolvimento, e os comportamentalistas entram em consenso atribuindo aos empreendedores às características de criatividade, persistência, coragem para assumir riscos e liderança.

A partir da análise das principais linhas de abordagem do empreendedorismo, constata-se que não existe uma oposição conceitual direta entre as mesmas, sendo que a diferença existe em função da prioridade de aspectos abordados. Para Braga (2003, p.35):

Enquanto os economistas buscam definir a função do empreendedor a partir da sua atuação como destruidor, gerador de valores ao sistema produtivo (...), os comportamentalistas, embora tenham pertinente esses elementos, voltam seu interesse para o entendimento do ser empreendedor, do seu comportamento, buscando identificar as suas características e os reflexos na empresa decorrente do seu modo de atuar e interagir.



Assim, o empreendedor é uma pessoa que capta oportunidades, apresentando muita determinação, sendo persistente, perseverante, procurando sempre a auto-superação e reconhecimento social. Este perfil de profissional é requerido, na sociedade, tanto no ambiente empresarial como no educacional.

Nesse caso, ambas as perspectivas partem do pressuposto que o empreendedorismo é regido por relações de causa e efeito. *Desse modo, a ação empreendedora é caracterizada por algumas singularidades e realizada por um agente dentro do perfil empreendedor resultando em sucesso.*

#### 4.3 Perspectivas Distintas

Os autores que abordam o fenômeno empreendedor a partir de um prisma distinto dos economistas e comportamentalistas podem ser posicionados em duas linhas de pesquisa, sendo essas denominadas razão e vida.

- *Razão*

Os trabalhos inseridos nessa linha de pesquisa estão relacionados, entre outros autores, a Edmund Husserl e seus estudos acerca da consciência humana. A fenomenologia tem com o objetivo de analisar a essência dos fenômenos, ou seja, aquilo que é dado diretamente na consciência. Os trabalhos de referencial fenomenológico visam analisar a experiência humana.

No campo da pesquisa sobre empreendedorismo, há o trabalho de Boava (2006) que visa abordar esse fenômeno a partir de um referencial fenomenológico, objetivando fundamentalmente estreitar os laços da administração com a filosofia. Esse estudo pretende responder a seguinte questão: qual a essência do empreendedorismo? Tal questionamento desloca a pesquisa do campo epistemológico para o ontológico, o que confere à mesma um caráter eminentemente filosófico. Dessa forma, o autor desenvolve sua pesquisa empregando o método fenomenológico centrado no ser humano.

Os resultados indicam que o empreendedorismo relaciona-se com as seguintes unidades de sentido: inovação, gerenciamento, desafios, criação, relacionamento, teoria na prática, sujeito da ação, pesquisa, incubadora, ôntico/ontológico e inter/multi/transdisciplinaridade.

No limite desta pesquisa, não foram identificados mais trabalhos que abordaram o fenômeno empreendedor recorrendo à fenomenologia. Em um universo mais amplo, há trabalhos que investigaram a administração a partir das implicações da consciência humana, como o de Gil (2003), que analisa a aplicabilidade do método fenomenológico na pesquisa em administração e Thiry-Cheques (2004) que desenvolve uma linha de argumentação para afirmar que o método fenomenológico é adequado à ciência da gestão.

No mais, pode-se citar Ehrich (2005) que desenvolve uma proposta de transposição da filosofia fenomenológica para a pesquisa empírica fenomenológica, no sentido de aumentar as contribuições que tal metodologia pode trazer a administração.

- *Vida*

Essa linha de pesquisa é composta por trabalhos que se preocupam com a vida humana, tanto de uma forma hermenêutica existencial como cotidiana. No tocante ao existencialismo destaca-se Heidegger (1999). Já os trabalhos que se preocupam com o mundo cotidiano podem estar relacionados a Alfred Schütz (1972), pois esse propõe a análise do mundo da vida, na qual o homem olha para esse mundo do ponto de vista da atitude natural. Tendo nascido nesse mundo que também é social e cultural o homem vive com seus contemporâneos e dá por certa a existência destes sem questioná-la, assim como dá por certa a existência de objetos naturais.

Na investigação do fenômeno empreendedor especificamente, encontra-se o trabalho de Paiva Jr. (2004), que em sua tese de doutorado busca compreender a influência de características individuais, experiências do cotidiano, atitudes e comportamentos constantes no significado que o empreendedor atribui a sua prática empreendedora.

A problemática central desse estudo consiste em desvelar qual a natureza do fenômeno empreendedor sob a ótica de dirigentes de empresas de base tecnológica. Para isso, utilizou como referencial metodológico os trabalhos de Alfred Schütz, que segundo o autor propicia uma análise sócio-existencial da ação social do empreendedor a partir de suas relações dialógicas e reflexivas em contexto sócio-cultural, político-econômico e tecnológico.

Em seu trabalho, Paiva Jr. (2004) utilizou técnicas de pesquisa fundamentadas na realização de entrevistas semi-estruturadas, pois sua meta de investigação estava direcionada para a compreensão do significado do fenômeno empreendedor a partir da visão dos empresários dirigentes de empresas tecnológicas.

Assim, na linha de pesquisa da razão, não foram encontradas mais produções que abordam o empreendedorismo a partir dos trabalhos de Schütz. Na seqüência, a partir das discussões feitas nos tópicos sobre pesquisa social, pretende-se analisar a revisão de literatura elaborada sobre o empreendedorismo.

## 5. QUESTÕES ESPITEMOLÓGICAS DO EMPREENDEDORISMO

A partir da revisão de literatura elaborada sobre empreendedorismo é possível constatar que esse fenômeno é investigado a partir de dois paradigmas principais, sendo esses: positivista no tocante a pesquisa de cunho economista e comportamentalista e interpretativo em relação aos trabalhos inseridos no subtópico perspectivas distintas.

Assim, os pesquisadores economistas e comportamentalistas vislumbram a sociedade como uma conjuntura de leis a exemplo das ciências naturais. Logo, desenvolvem sua investigação do fenômeno empreendedor considerando basicamente as seguintes premissas positivistas apresentadas por Von Wright (1971, p. 4):

- Unicidade metodológica, ou a idéia da unidade do método científico para a investigação de qualquer objeto de pesquisa, independente de sua singularidade.
- As ciências devem ser estudadas segundo relações de causa e efeito.
- A ciência deve apontar para as explicações, centrando-se na substituição de casos individuais por leis gerais que regem a natureza humana.

Por sua vez, os pesquisadores que adotam a perspectiva distinta de investigação fundamentaram o empreendedorismo a partir da singularidade das ações humanas, orientam-se por uma busca da compreensão do empreendedor no tempo e no espaço. Esse paradigma é o interpretativo que preocupa-se com a apreensão da experiência vivida pelos atores (CRABTREE; MILLER, 1992).

Considerando ainda os pólos metodológicos de Bruyne, Herman e Schoutheete (1991, p. 36) apresentados anteriormente, é possível aprofundar essa análise da pesquisa acerca do empreendedorismo, a saber:

Pólo Epistemológico – no limite dessa investigação é possível afirmar que economistas e comportamentalistas trabalham com metodologias de quantificação e/ou a lógica hipotética dedutiva (Destruição Criativa). Sendo que os demais estudos no campo da razão e vida acerca do empreendedorismo se pautaram na fenomenologia.

Pólo Teórico – os quadros de referência de pesquisa identificados são positivistas em estudos economistas e comportamentalistas e interpretativos em estudos no campo da razão e vida acerca do empreendedorismo.

Pólo de Morfológico - em estudos economistas e comportamentalistas busca-se a formulação de modelos estruturais, ou seja, padrões de comportamento empreendedor, perfil empreendedor, tipos de inovação, entre outros. Em relação a estudos no campo da razão e vida não há busca de padrões de análise, busca-se desvelar o significado das experiências empreendedoras.

Pólo Técnico - em estudos economistas e comportamentalistas emprega-se comumente estudos de caráter comparativo, experimentos ou simulações posto que visam testar hipóteses e estabelecer relações de causa-efeito, enquanto em estudos interpretativos visa-se a descoberta dos sentido ocultos, menos aparentes de realidades específicas, sem existir interesse de generalização de resultados.

Nesse cenário, é possível sintetizar as abordagens do empreendedorismo a partir de uma perspectiva positivista ou interpretativa.

Paradigma	Positivista	Interpretativo
Ontologia	Realismo	Relativismo
Epistemologia	Objetiva	Subjetiva
Objetivo	Explicar	Compreender
Questão de Pesquisa	O que faz o empreendedorismo ser bem sucedido? Que os empreendedores fazem, quem são eles, e como eles se comportam?	Que é empreendedorismo? Por que os empreendedores fazem como eles fazem, que percepções da realidade influenciam suas ações?
O papel empreendedor	Fazer “as coisas direitas” a fim conseguir o “sucesso”...	Consciência de circunstâncias internas influenciando percepções da realidade (a fim refletir em porque e em como...)

**Quadro 3 – Perspectivas analíticas do empreendedorismo**

Fonte: adaptado de Guba (1990)

Nesse âmbito, emerge um questionamento: deve-se explicar ou compreender o empreendedorismo? Ou seja, estudar o empreendedorismo a partir do paradigma positivista ou interpretativo respectivamente?

As pesquisas de cunho economista e comportamentalista visam explicar o empreendedorismo, posto que apresentam por objetivo verificar o perfil empreendedor, fatores de sucesso do empreendedor e outros temas apresentados no quadro abaixo:

<b>Principais temas da pesquisa sobre empreendedorismo</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Características comportamentais dos empreendedores</li> <li>• Características econômicas e demográfica das pequenas empresas</li> <li>• Empreendedorismo e pequenas empresas nos países em desenvolvimento</li> <li>• Características gerenciais dos empreendedores</li> <li>• O processo empreendedorial</li> <li>• Criação do risco</li> <li>• Desenvolvimento de negócios</li> <li>• Capital de risco e financiamento para pequenas empresas</li> <li>• Gestão, recuperação e aquisição de negócios</li> <li>• Empresas de alta tecnologia</li> <li>• Estratégia e crescimento da empresa empreendedorial</li> <li>• Alianças estratégicas</li> <li>• Empreendedorismo ou intraempreendedorismo em companhias (corporações empresariais)</li> <li>• Negócios familiares</li> <li>• Auto emprego</li> <li>• Sistemas de apoio a incubadoras e ao empreendedorismo</li> <li>• Redes</li> <li>• Fatores que influenciam a criação e o desenvolvimento de risco</li> <li>• Políticas de governo e criação de risco</li> <li>• Mulheres, minorias, grupos étnicos e empreendedorismo</li> <li>• Educação do empreendedorismo</li> <li>• Pesquisa do empreendedorismo</li> <li>• Estudos culturais comparativos</li> <li>• Empreendedorismo e sociedade</li> <li>• Franquias</li> </ul>

**Quadro 4: Principais temas da pesquisa sobre empreendedorismo**

Fonte: Filion (1997b, p. 06)

Esses estudos querem em sua raiz estabelecer relações de causa e efeito, em um contexto determinista. Assim, esses estudos visam apresentar uma espécie de fórmula, o empreendedor que apresenta um dado perfil, atua inovando em um cenário determinista e alcança sucesso.

Já os estudos baseados na compreensão do empreendedorismo objetivam desvelar os significados desse fenômeno e suas interfaces com a experiência vivida pelo empreendedor.

Em síntese, a análise desses dois tipos de pesquisa permite evidenciar que a pesquisa explicativa obedece a uma lógica objetiva para construção de modelos prescritivos, visualizando o mundo como circunstancial, os seres humanos como reativos. No alcance dessa pesquisa, observa-se que grande parte dos estudos acerca do empreendedorismo apresenta esse caráter explicativo. Por sua vez, a pesquisa compreensiva parte de princípios subjetivos visando produzir variedades de interpretações, considerando o mundo um emaranhado de significados atribuídos por homens criativos.

A partir dessas evidências, Bjerke (2000) formulou tipos de empreendedores, sendo esses apresentados no quadro a seguir. Contudo reforça-se que os seis tipos de empreendedores não são comparáveis entre si. Os primeiros três tipos de empreendedores são apropriados à pesquisa explicação, os últimos três tipos à compreensão.

Perspectiva	O que é um empreendedor?	Como são criados novos negócios?	Como melhorar o processo de desenvolvimento do negócio?
Realidade concreta e subordinada às leis de uma estrutura independente	Uma pessoa que responda racionalmente a determinado objetivo e circunstâncias externas, criando algo novo	Por circunstâncias objetivas e externas às pessoas	Introduzindo estímulos externos às pessoas que melhor possam explicar o desenvolvimento do negócio
Realidade como um processo determinado	Pessoa que se encontra dentro de um sistema orientado para um objetivo	Por bom sistema de desenvolvimento de negócios dirigido por um objetivo	Adaptando as pessoas ao sistema, tornando-o cada vez melhor
Realidade como campos mutuamente dependentes da informação	Uma pessoa com informação superior sobre necessidades de cliente e os recursos da companhia	Pelos sistemas de informação, baseados no princípio do <i>feedback</i> , reagindo a novas informações	Refinando a informação sobre os recursos do sistema e as necessidades do mercado
Realidade como o mundo do discurso simbólico	Uma pessoa que vê a progressão e a mudança como uma parte dominante em seu mundo simbólico	Por uma cultura, que apresenta novos negócios como símbolos de desenvolvimento	Influenciando a cultura para o desenvolvimento símbolos apropriados para criação de novos negócios de risco
Realidade como construção social	Uma pessoa, que vê o processo de criação como uma parte dominante em sua realidade diária	O desenvolvimento do negócio é parte natural da realidade social	Ativando e renovando a comunicação e as ações de risco no negócio
Realidade como manifestação da intencionalidade humana	Uma pessoa que vê sua existência como resultado de suas próprias expectativas e potencial	Por pessoas com “intuição eidética” sobre desenvolvimento do negócio	Considerando o poder da imaginação das pessoas, e confiando em sua habilidade criativa inerente

**Quadro 5: Tipos de empreendedores**

Fonte: Bjerke (2000, p.8)

Segundo Bjerke (2000) esse quadro possibilita verificar que as pesquisas que visam explicar o empreendedor e o empreendedorismo atribuem aos mesmos os seguintes significados:

1. Agente que responde racionalmente às circunstâncias e às mudanças externas, estando orientado por uma necessidade de realização.
2. Fenômeno colocado em uma estrutura, em um processo ou em um campo da informação, passível de se analisar e construir modelos de explicação válidos.

No entanto, a pesquisa compreensiva atribui ao empreendedor e empreendedorismo os seguintes significados:

1. Ator que executa suas ações de acordo com os próprios símbolos, realidade social e intencionalidade.
2. Fenômeno intrínseco a realidade social resultante das ações empreendedoras.

Dando seqüência em sua análise, Bjerke (2000) constata que as pesquisas de compreensão do empreendedorismo podem ocorrer em três campos, a saber:

Nível	Individual	Social	Discurso
Objetivo	Construção e interpretação do empreendedor	Ação do empreendedor na realidade social	Controle do discurso social conhecimento como o poder
Referencial	Fenomenologia/ Hermenêutica	Fenomenologia Social	Pós-modernismo

**Quadro 6 – Níveis de pesquisa compreensiva sobre empreendedorismo**

Fonte: Bjerke (2000, p.9).

Após essa análise mais aprofundada dos tipos de pesquisa, pode-se retomar a seguinte pergunta: deve-se explicar ou compreender o empreendedorismo? De fato, constatou-se que as pesquisas de caráter explicativo e compreensivo apresentam muitas diferenças no tocante as suas metodologias de investigação e referencial teórico. Contudo, essas diferenças não constituem argumentos para sobrepor a importância de uma em detrimento da outra. Assim, reforça-se que cada tipo de pesquisa apresenta sua relevância própria, sendo instrumentos indispensáveis à construção da epistemologia do empreendedorismo.

Acredita-se, então, que a pergunta explicar ou compreender o empreendedorismo não tem uma resposta única e definitiva. A decisão sobre explicar ou compreender o fenômeno empreendedor está ligada ao objetivo de pesquisa ao qual o investigador pretende alcançar.

Contudo, faz-se necessário ressaltar a primazia que ocorre na investigação do empreendedorismo a partir de uma perspectiva explicativa. É preciso que os estudos compreensivos passem a ser mais empreendidos, pois se ambos se complementam devem apresentar o mesmo interesse de pesquisa por parte dos investigadores. No mais, é preciso salientar que a epistemologia do empreendedorismo está em fase de construção e que a existência de mais pesquisas compreensivas será de grande valia nesse processo.

Caso a epistemologia do empreendedorismo apresente somente avanços explicativos sua base será limitada, uma vez que não haverá aprofundamento na discussão acerca de questões intrínsecas aos significados e experiências perceptivas do ser que empreende.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao abordar o empreendedorismo considerou-se que o ser que empreende está inserido em uma sociedade, e, por conseguinte, partilha com outros homens uma conjuntura de experiências capazes de influenciar seu comportamento e ações. Assim, o empreendedorismo foi investigado a partir de sua natureza de fenômeno social.

O trabalho abordou a pesquisa em empreendedorismo no contexto teórico metodológico das ciências sociais. Para isso, discutiu-se questões que revelaram como a epistemologia desse fenômeno vem sendo construída.

Concluiu-se que o empreendedorismo é predominantemente analisado a partir de duas perspectivas: economista e comportamentalista, que estudam respectivamente inovação e perfil empreendedor. Porém, esse fenômeno apresenta outras dimensões inerentes à sua prática, tais como: consciência, história de vida, relações sociais do ser empreendedor.

Assim, verificou-se que a epistemologia do empreendedorismo vem sendo construída por economistas e comportamentalistas orientados por um paradigma positivista que fornece conhecimentos de cunho explicativo acerca do fenômeno. Por sua vez, há autores que desenvolvem trabalhos orientados pelo paradigma interpretativo, produzindo um conhecimento compreensivo sobre o empreendedorismo. Logo, as duas dimensões que compõem a pesquisa sobre empreendedorismo são: explicação x compreensão.

Observou-se ainda que essas pesquisas se complementam no processo de produção do conhecimento científico sobre o fenômeno empreendedor. No entanto, foi possível constatar, no limite da investigação, que há um maior número de produções orientadas pelo paradigma positivista visando explicar o empreendedorismo, estando essas em fase de consolidação. As pesquisas compreensivas ainda são pouco desenvolvidas nesse ramo do saber, sendo em sua maioria estudos propedêuticos.

Essas diferenças de estágios no desenvolvimento da pesquisa explicativa e compreensiva podem ocasionar uma limitação na pesquisa sobre o empreendedorismo. Ao se investigar aspectos que se relacionam ou pertencem ao ser que empreende e suas características, em detrimento de elucidar a partir da reflexão sobre o sentido abrangente do empreendedor como aquilo que torna possível suas múltiplas existências, os pesquisadores observam partes da realidade.

Dessa forma, a epistemologia do empreendedorismo ao ser predominantemente embasada por estudos explicativos poderá produzir uma teoria do conhecimento empreendedor rasa e limitada, pois somente as investigações compreensivas podem fornecer uma visão aprofundada, direcionada a essência do empreendedorismo.

Por fim, encerra-se esse ensaio indicando à necessidade de se desenvolver mais estudos compreensivos acerca do empreendedorismo, na tentativa de fornecer bases sólidas e completas a epistemologia do fenômeno empreendedor, aproximando o nível quantitativo e qualitativo de produções acerca da compreensão e explicação do objeto em questão.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BJERKE, B. **Understanding entrepreneurship** - a new direction in research? Stockholm University, 2000.
- BOAVA, D. L. T. **Estudo sobre a dimensão ontológica do empreendedorismo**. Londrina, 2006. Dissertação (Mestrado), UEL.
- BRAGA, J. N. P. **O Empreendedorismo como instrumento de desenvolvimento. O programa IES/SOFTEX**. Salvador, 2003. Dissertação (Mestrado), UFBA.
- BROLLO, M. X. **Intenções empreendedoras: um modelo econômico psicológico entre estudantes universitários**. Florianópolis, 2006. Tese (Doutorado) UFSC.
- BRUYNE, P.; HERMAN, J.; SCHOUTHEETE, M. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.
- BURRELL, G.; MORGAN, G. **Sociological paradigms and organizational analysis**. London: Heinemann, 1979.
- CANTILLON, R. **Essai sur la nature du commerce en général**. London: Fetcher Gyler, 1755. In *Éditions Weltanschauung*: Montreal, 2003. Disponível em <<http://www.innovatique.com/welt/html/cantillon.PDF>> Acesso em 04 jan. 2006

- CRABTREE, B. F.; MILLER, W. L. Primary care research: a multimethod typology and qualitative road map. In: CRABTREE, B. F; MILLER, W. L. **Doing qualitative research**. London: Sage, 1992.
- DILTHEY, W. **The construction of the historical world in the human sciences**. Stuttgart: Teubner, 1958
- DOLABELA, F. **Oficina do empreendedor**. São Paulo: Cultura Editores, 1999.
- EHRICH, L. Revisiting phenomenology: its potential for management research. In Proceedings challenges or organisations in global markets. **British academy of management conference**. Said Business School, Oxford University, 2005.
- FILION, L. J. O planejamento do seu sistema de aprendizagem empresarial: Identifique uma visão e avalie o seu sistema de relações. **Revista de Administração de Empresas**, FGV, São Paulo, jul/set.1991.
- FILION, L.J. From entrepreneurship to entreprenology. In **USASBE annual national conference entrepreneurship**. 1997, São Francisco, Anais... São Francisco, 1997.
- GIL, A.C. O método fenomenológico na pesquisa em administração. São Caetano do Sul: **Caderno de pesquisa pós-graduação IMES**, v. 4, n. 8, p. 33-42, 2003.
- GUBA, E. C. **The paradigm dialog**. California: Newbury Park, 1990.
- HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- KEYNES, J. M. **Teoria geral do emprego, do juro e da moeda**. São Paulo: Altas, 1992.
- KIRZNER, I. M. **Competition and entrepreneurship**. Chicago. University of Chicago Press, 1973.
- MARSHALL, A. **Princípios de economia**. São Paulo: Abril. 1982.
- MCCLELLAND, D. **The achieving society**. New York: VanNostrand, 1961.
- MILL, J. S. **Princípios de economia política**. São Paulo: Nova Cultural, 1986.
- MINER, J. B. **Os quatro caminhos para o sucesso empresarial: como acertar o alvo no mundo dos negócios**. São Paulo: Ed Futura, 1998.
- PAIVA JÚNIOR, F.G. **O empreendedorismo na ação de empreender: uma análise sob o enfoque da fenomenologia sociológica de Alfred Schütz**. Belo Horizonte, 2004. Tese (Doutorado), UFMG.
- SAY, J.B. **Traité d'économie politique: ou simple exposition de la manière dont se forment, se distribuent ou se consomment les richesses**. Paris, 1803. In TREMBLAY, J.M. Quebec, 2002. Disponível na internet: <[http://www.uqac.ca/zone30/Classiques\\_des\\_sciences\\_sociales/classiques/say\\_jean\\_baptiste/traite\\_eco\\_pol/Traite\\_eco\\_pol\\_Livre\\_1.pdf](http://www.uqac.ca/zone30/Classiques_des_sciences_sociales/classiques/say_jean_baptiste/traite_eco_pol/Traite_eco_pol_Livre_1.pdf)> Acesso em 04 jan. 2006
- SCHÜTZ, A. **Fenomenologia del mundo social: introduccion a la sociologia comprensiva**. Buenos Aires: Paidos, 1972.
- SCHUMPETER, J.A. **Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- SMITH, A. **A riqueza das nações: investigação sobre a sua natureza e suas causas**. São Paulo: Nova Cultural, 1985.
- THIRY-CHERQUES, H.R. Programa para aplicação às ciências da gestão de um método de caráter fenomenológico. In: VIEIRA, M.M.F; ZOUAIN, D.M. **Pesquisa qualitativa em administração**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.
- TIMMONS, J.A. **The entrepreneurial mind**. Andover: Brick House Publishing, 1989.
- VON MISES, L. **La acción humana**. Tratado de Economía. Unión Editorial. Madrid. 1986.
- VON WRIGHT, G. H. **Explaining and understanding**. London: Routledge & Kegan Paul, 1971.